

Para a Unesco, o contador de histórias abre reflexão sobre a importância da educação

Roberto Carlos – Pedagogo Mineiro – Contador de Histórias

Confira sua trajetória abaixo e reflita:

É Possível (Re) contar nossa própria História desde que tenhamos escolha de sair do lugar de vítima. Já tive oportunidade de ouvi-lo várias vezes e com certeza Roberto Carlos é um exemplo de coragem. Mudar a rota de um caminho “traçado” é possível desde que haja determinação e Escolha. Vamos prestigiar nosso colega e com certeza um exemplo de pessoa e um Educador com Brilho nos Olhos e na alma. Parabéns! Por Jane Patrícia



Por um momento mágico

Depois de trabalhar em alguns lugares, como colégios particulares e faculdades, Roberto decidiu que queria alcançar mais pessoas. Viajou para Minas e algumas capitais com um carro (que se transformava em palco) para contar histórias. Chegou a reunir 4 mil pessoas em uma praça. Agora as viagens são pelo mundo inteiro, e ele entretem adultos e crianças. “É um momento mágico entre quem conta e quem ouve. Os pais sabem disso. O filho não quer só que você repita, quer também a emoção de estar junto. A criança que ouve uma história nunca esquece”, diz.

Foi contando histórias que Roberto conheceu Alessandro, ex-aluno na Febem. Os outros professores diziam que era “irrecuperável”. Roberto reconheceu a própria história no menino. Foi o primeiro dos 13 filhos que adotaria. Todos eles fizeram um acordo com o pai. Quando tivessem condições emocionais e financeiras para ajudar alguém, cada um “adotaria” uma criança carente até ela conseguir ajudar outra, e assim por diante. Roberto diz que esse projeto não tem nome. Tem, sim. Chama-se família.

Esta é uma reportagem do Projeto Generosidade. Todas as revistas e sites da Editora Globo participam desta ação por um mundo melhor. Conheça os detalhes do projeto no site www.projetogenerosidade.com.br

Conheça um pouco...

A Trajetória de Roberto Carlos

Roberto é desenvolto, não tem aquele jeito discreto pelo qual os mineiros são reconhecidos. Sua trajetória não começa no seu nascimento, e sim aos 6 anos de idade, quando entrou na Febem. Na década de 70 vivia com a mãe e mais oito irmãos na periferia de Belo Horizonte (MG), quando uma assistente social visitou a casa da família. “Ela convenceu minha mãe que naquela instituição eu teria uma profissão. Falou como se fosse um colégio particular do governo. Mas minha mãe não imaginava que lá as crianças sofreriam maus-tratos. Só recebia visitas uma vez por mês”, afirma Roberto. Por tudo isso, ele diz, fugiu pela primeira vez com 7 anos. Aos 9 foi transferido para o interior e perdeu o contato com a mãe. Com 13, bateu o recorde de fugas, 132 vezes, e ficou conhecido como “irrecuperável”.

Roberto não poderia prever, mas um encontro mudaria sua história. Marguerit Duvas, pedagoga

francesa, visitou a Febem e conheceu o lugar pelos olhos dos funcionários. Por isso ficou surpresa quando encontrou Roberto sentado em um banco do lado de fora da instituição. Ela queria entender por que o garoto fugia tanto. Ele não titubeou. "Perguntei: 'Eles mostraram o pau de arara para a senhora? As celas?' Foi a primeira vez que alguém me ouviu e acreditou em mim." Nesse encontro, Marguerit perguntou como poderia mudar a realidade daquele menino. E mudou.

Roberto foi morar com ela na França. Aprendeu a ler e escrever. No começo, conta, sentia medo de dizer que gostava dela. Aos poucos reconheceu que tinha um amor por ela parecido com o que sentimos por uma mãe. "Ela adorava ouvir minhas histórias. Os professores e meus colegas da escola diziam que eu tinha talento para fazer aquilo. Eu, que antes era considerado delinquente, passei a ser talentoso (risos)."

Depois de contar muitas histórias decidiu que era a hora de retomar a dele, e, com 19 anos, retornou ao Brasil. Estudou Pedagogia na Universidade Federal de Minas Gerais e decidiu começar por onde poucas vezes ouviu uma história: na Febem. Roberto ri quando lembra desse momento. "Tinha gente achando que eu estava tramando algo (risos)." A primeira turma abrigava nove alunos. Depois da hora do intervalo, apareceram mais de 30 vindos de outras classes. Assim as crianças aprenderam matemática e português. *CAROL ALMEIDA*



O mundo é pequeno para a portuguesa **Maria de Medeiros**. Atriz, cantora e fluente em seis línguas, ela tem um currículo que reúne participações em mais de 60 filmes europeus, americanos e latinos. Com uma tendência natural para a multifuncionalidade, ela foi recentemente nomeada pela Unesco como Artista para a Paz.

Sua missão: usar seu talento e popularidade para divulgar trabalhos que recuperem crianças a partir da arte.

Em um desses oportunos acasos, logo depois da nomeação da Unesco, ela recebeu um roteiro do diretor brasileiro Luiz Villaça.

A história falava de um menino arisco, agressivo, dado como "irrecuperável" e que, depois de conhecer a francesa Margherit, desenvolve sua capacidade de contar histórias. Não demorou para que a atriz portuguesa estivesse em Minas Gerais filmando a trama de **O Contador de Histórias**, filme que estreia nesta sexta-feira (7) nas salas brasileiras.

Em entrevista exclusiva ao **Terra**, **Maria de Medeiros**, que já esteve presente no cinema nacional com *O Xangô de Baker Street*, conversa sobre seu papel como representante da Unesco e se confessa fã do cinema brasileiro.

O que te fez comprar a ideia desse filme?

Mais do que comprar, eu aderi ao filme. Assim que recebi o roteiro e descobri essa história, fiquei muito emocionada. Me comovi muito.

Como surgiu o contato entre Luiz Villaça e você?

Eu sempre acho que é um milagre as pessoas pensarem em mim. Eu lá no outro continente

e pessoas tão maravilhosas como o Luiz, a Denise (Fraga) e o (Francisco) Ramalho pensando em mim. Fico superemocionada. Eu disse imediatamente que achava o roteiro muito interessante. O Luiz foi para Paris e tivemos várias sessões de trabalho em que a gente desenhou e definiu a Margherit.

Pouco antes das filmagens você foi nomeada representante da Unesco. E a história do filme tem muito a ver com o trabalho feito pela Unesco. Esse casamento entre o teu trabalho com crianças e o roteiro do filme foi surpreende pra você?

Houve uma coincidência no tempo. Porque eu li o roteiro, encontrei com o Luiz e daí surgiu essa nomeação da Unesco. Foi surpreendente porque algumas pessoas são muito mais envolvidas com o trabalho com crianças do que eu, mas achei que era uma bela responsabilidade. O convite da Unesco foi para ser Artista da Paz, o que equivale no fundo a me disponibilizar para conhecer os programas. A Unesco é uma organização que depende das Nações Unidas e faz um trabalho muito importante, mas às vezes pouco conhecido pelo grande público. Estou ligada a um programa de educação artística, para que as crianças tenham acesso a uma formação artística na escola. Mas há também o trabalho que usa as artes como forma de recuperar muitas crianças que já estão fora do sistema escolar e que já foram dadas como casos desesperadores, como o Roberto. E pelo talento, pela arte, essas crianças voltam a se integrar. Quando li o roteiro vi que tem tudo a ver com o programa de educação artística porque no fundo a Margherit detecta nesse menino um talento extraordinário de um contador de história.

Durante as filmagens você chegou a conversar com o Roberto Carlos sobre a história dele?

Não, eu só conheci o Roberto Carlos no fim das filmagens, em Belo Horizonte. Mas fiz muitas perguntas para o Luiz sobre ele e sobre a Margherit. E havia poucos dados sobre ela. Então, eu não tinha que me preocupar em recriar uma personagem histórica. Estávamos muito livres para criar essa personagem.

Essa não é a sua primeira participação em uma produção do cinema brasileiro. Quais são suas referências do cinema que é feito aqui no País?

Sempre fui uma grande fã do cinema brasileiro. Os atores brasileiros foram extremamente importantes na minha formação, existem aqui alguns dos melhores atores do mundo e acho que hoje em dia há no Brasil um cinema fenomenal, muito criativo, variado e com propostas diferentes. Tenho que estar muito atenta ao cinema que se faz no Brasil e um pouco por toda a América Latina. Acho que esse é um momento do cinema extremamente importante.

Redação Terra

Carol Almeida
Direto de São Paulo

Para Roberto Carlos Ramos, a fábula sempre foi uma questão de sobrevivência. Nas cores e devaneios de seus personagens inventados, ele conseguiu atravessar a zona de perigo da realidade que se abria diante de seus olhos. Nesse campo de combate repleto de canhões (a rua) e campos de concentração (a Febem - atual Fundação Casa), o ainda muito jovem soldado que nasceu com nome de artista recebeu a ajuda de uma insistente guerreira, chamada Margherit. Em linhas gerais, essa é a história real do *Contador de Histórias* que dá título ao novo filme do diretor brasileiro Luiz Villaça.

Divulgação



O tom fantasioso que recobre uma infância e adolescência absolutamente nada poética desse menino é não apenas a opção narrativa do diretor, como um tributo ao personagem que inspirou o filme. Roberto Carlos é mestre em fazer de limão, limonada, e é o tipo da pessoa que sempre conseguiu transformar um pano de chão em uma colorida colcha de retalhos para revestir o chão duro e áspero em que pisava.

Margherit (Maria de Medeiros) e Roberto (Paulo Henrique)

É se utilizando do fantástico que Villaça pontua, aqui e ali, o roteiro biográfico sobre o crescimento desse personagem. No elenco, três atores se revezam no papel título. A se considerar que foi um trabalho de direção de jovens sem experiência prévia com cinema, consegue-se tirar bons momentos dos intérpretes. Com mais tempo de filme, Paulo Henrique, o protagonista aos 13 anos, e Marco Antonio, que vive Roberto Carlos aos 6 anos, apresentam uma versão bem honesta do personagem.

A sustentação da cena, no entanto, acontece mesmo quando a atriz portuguesa Maria de Medeiros está no enquadramento. Medeiros é Margherit, a educadora francesa que chega ao Brasil para fazer um estudo de caso sobre a educação de crianças na Febem. A atriz consegue dar solidez a uma personagem que, em seus primeiros minutos, parece inconsistente em seu particular interesse pela vida de Roberto Carlos, um interesse aparentemente mais exótico que emocional. Há, no entanto, uma mútua carência afetiva que aos poucos dá sentido ao relacionamento entre os dois personagens.

A partir de conversas registradas inicialmente em um gravador, ela conhece esse menino que foi enviado à instituição aos 6 anos de idade. Na época, a mãe de Roberto, a exemplo de tantas outras, largou o filho em um lugar que, acreditava-se, transformaria crianças sem oportunidades de educação em futuros médicos, engenheiros e advogados. A realidade da Febem aqui é propositalmente maquiada e ganha recursos lúdicos uma nota acima do tom na hora de narrar alguns eventos da infância do personagem. Mas de uma maneira geral, ao utilizar a voz narradora do próprio Roberto Carlos, o filme de Villaça não excede muito nem no elemento fabulístico, nem nas cenas mais escuras e secas dessa trajetória. Mantém-se em linha reta.

Jacques Lacan costumava frisar que é atravessando a fantasia que se acha o real. Queria dizer o psicanalista que é somente sublimando a realidade a partir das pequenas ficções nossas de cada dia que se consegue, de fato, discernir o que é concreto e sólido naquilo que se sente. A história de Roberto Carlos é um caso clássico de fantasias atravessadas. E é possivelmente graças a elas que o filme convence em seu despropósito de ser real.